

**OS POVOS ORIGINÁRIOS CATARINENSES**  
[Memorial]

**Ítalo Rodrigo Mongconãnn Reis**

**Ítalo Rodrigo Mongconãnn Reis**

**OS POVOS ORIGINÁRIOS CATARINENSES**  
**[Memorial]**

Memorial apresentado junto ao documentário *Os Povos Originários Catarinenses* como Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Bacharel em Cinema.

**Professora Orientadora:** Aglair Bernardo

**Florianópolis**  
**Dezembro de 2017**

*“O objetivo não é mostrar tudo nitidamente em uma sequência de imagens, mas sim, em uma bagunça ordenada” - Zac Andrade*

## [Agradecimentos]

Não poderia terminar essa etapa da minha vida sem deixar registradas algumas palavras de agradecimento...

Quando resolvi iniciar uma segunda graduação, muitos me chamaram de louco dizendo que era desnecessário, mas persisti e, hoje, no fechamento desse ciclo, posso dizer que foi a melhor escolha que fiz em minha vida até o momento.

A mudança para Florianópolis e a realização de um curso de artes me fez amadurecer e enxergar o mundo com outros olhos. Passei a entender e respeitar o outro sem perguntar por quê?

Tive a oportunidade de experimentar, sentir e viver momentos que ficarão guardados nas melhores recordações, que possibilitaram amar, apaixonar, chorar, sorrir, odiar, gostar, fugir, quebrar padrões e barreiras, me permitir.

Conheci pessoas, fiz amigos, dancei... O que quero dizer é que vivi intensamente esses quatro anos, dos quais não me arrependo de nada, talvez, do que eu não tenha feito. Agradeço a todos que passaram e deixaram um pouquinho de si neste tempo.

Especialmente, agradeço a duas pessoas que sempre estiveram comigo apoiando, aconselhando, puxando a orelha e que, mesmo um pouco distantes, estavam mais presentes do que se eu estivesse ao lado deles no dia-a-dia: meus pais Rodrigues e Nena, duas pessoas nas quais me espelho e espero um dia ser um tiquinho dos seres maravilhosos que vocês são. Agradeço imensamente toda força, apoio, dedicação, preocupação, tristezas e alegrias que compartilhamos ao longo deste período. Oxalá um dia possa retribuir!

Aos parentes do Movimento Estudantil Indígena, com os quais enfrentamos várias lutas, agradeço pelo aprendizado fundamental em minha formação, pessoal e profissional. Algumas batalhas vencemos, outras não, mas juntos nos fortalecemos e seguimos adiante.

À queridíssima orientadora Aglair Bernardo, agradeço também. Ela abraçou o projeto de maneira irretocável e, juntos, conseguimos transformá-lo nessa obra audiovisual que fala. Como Aglair mesma diz: dá o recado. MUITÍSSIMO obrigado pela troca, pelas conversas, experiências e tantos outros momentos que levarei para a vida.

No fim de 2014 perdi meu avô, Orlando Mongconãnn (*in memoriam*). Era amigo, companheiro de conversas, conselheiro e, acima de tudo, um segundo pai. Os primeiros dias sem ele foram difíceis, mas entendo que é o ciclo da vida. Caso possa, dedico esse trabalho a ele.

A todos os demais, que não são poucos, muitíssimo obrigado pelos vários encontros e momentos nesse mundo, em que somos apenas passageiros.

**[Sinopse]**

Os povos originários de Santa Catarina, assim como os de todo o território brasileiro, não têm mais motivos para viverem isolados em suas terras, nós temos direitos de ir e vir, lá e cá. Cada povo tem sua singularidade e, juntos, se unem por um único objetivo, resistir. Os tempos são outros, as formas de lutar são outras. Mas nem por isso deixamos para trás nosso passado e jeitos próprios de pensar o mundo.

**[Equipe]**

Caio Jory: Fotografia  
Cláudio Felippio Júnior: Montagem  
Eduardo Presser: Colorização  
Erika Silva: Diretora de Som  
Ítalo Mongconãnn: Pesquisa, Roteiro, Produção e Direção

**[Memorial]**  
*Os Povos Originários Catarinenses*  
Ítalo Mongconãnn

Esse projeto teve início em 2016 quando foi contemplado pela Bolsa Cultura, edital 003/2015 da SECULT/UFSC. Pensar e realizar esse projeto foram iniciativas minhas, na época estudante da quinta fase do curso de Cinema. O intuito foi quebrar e frear preconceitos, ataques e agressões que nós, estudante indígenas, vínhamos sofrendo dentro da Universidade. Esse projeto, em sua primeira fase, foi coordenado pela professora Dra. Antonella Tassinari, do departamento de Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Inicialmente foi pensado como um projeto de série televisiva, com o mesmo nome *Os Povos Originários Catarinenses*. Ao longo do seu desenvolvimento, no entanto, a iniciativa foi mudando e ganhando forma .

Após a realização dos trâmites legais que me tornaram, definitivamente, bolsista do projeto, ocorreu uma primeira conversa com a coordenadora para traçar metas e objetivos a serem alcançados ao longo do primeiro semestre de 2016.

Saliento que o trabalho é grandioso e complexo devido ao seu objeto de estudo e pesquisa. Para as saídas a campo, cada passo precisou ser cuidadosamente executado por se tratar de diferentes povos étnicos e originários que carregam um histórico violento de agressão, deturpação e invasão de suas histórias, culturas e imagem.

Nos primeiros meses, fiquei encarregado de fazer uma pesquisa bibliográfica no acervo do NEPI (Núcleo de Estudos das Populações Indígenas), na Biblioteca Universitária da UFSC, em *sites* nacionais, entre outros locais de pesquisa, com o objetivo de mapear publicações e obter referências teóricas para iniciar uma construção previa do primeiro argumento da série televisiva. Após essa recopilação bibliográfica, apresentei os dados encontrados ao grupo de pesquisa que se reunia semanalmente no NEPI, composto por acadêmicos de vários níveis desde a graduação, até estudantes de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Esta troca agregou muito ao projeto e foi muito enriquecedor para mim.

No entanto, para minha surpresa e do grupo, pouco encontrei, pois os dados estavam desatualizados quanto a informações demográficas, populacionais e, até mesmo, históricas e de trajetórias desses povos. Após a apresentação, houve discussão

sobre os dados apresentados e sobre de que forma seria possível dar continuidade ao projeto. Ficou definido que eu passaria a construir e a pensar nas fases de produção e execução do mesmo, começando pela elaboração do primeiro tratamento do argumento no prazo de um mês, acordado também com a coordenadora Antonella. Naquele momento cursava cinco disciplinas na graduação, bolsa de estudos de espanhol extracurricular e necessidade de cumprimento de uma carga horária no NEPI.

No início, o projeto teve como referência e inspiração materiais audiovisuais do canal APTN - Canadá (Aboriginal People Television), sugerido pela professora coordenadora do projeto, que teve conhecimento do mesmo em uma visita ao Canadá. Todo o conteúdo exibido pelo canal é produzido pelos indígenas, conhecidos lá como povos aborígenes. O conteúdo do canal é fantástico, percorre vários gêneros, formatos e linguagem, que vão desde animação, ficção, terror, documentário e produções para o público adolescente. Curioso com o canal, resolvi escrever a eles perguntando da possibilidade de parcerias futuras. Seria como uma ‘carta na manga’, uma vez que o valor da bolsa era baixo e limitado. Sabemos que para qualquer produção se necessita aporte financeiro. Para minha surpresa o canal respondeu demonstrando interesse em veicular e exibir o material assim que estiver finalizado. Acredito que está quase!

No segundo momento, já no fim do primeiro semestre de 2016, apresentei o argumento da série televisiva versão inicial. Por ser um projeto de série documental, no Cinema, este gênero não traz a obrigatoriedade de um roteiro pelo fato do mesmo não ser uma narrativa com começo, meio e fim definidos, ou seja, o documentário não é ficcional como os demais gêneros cinematográficos, desse modo, apresentei o argumento dentro dos padrões adquiridos ao longo do curso de graduação (anexo ao final desse memorial). Após a apresentação do argumento, várias perguntas surgiram, algumas delas pelos colegas de grupo, surpresos com a complexidade e força que o projeto tinha tomado. Ao fim dessa apresentação, foram assimiladas algumas considerações propostas pelo grupo, além de referências filmicas sugeridas.

Chega então o momento de darmos o terceiro e mais delicado passo, de contatar lideranças indígenas de cada povo e território para apresentar o projeto e pedir aprovação e autorização para conhecer e entrar nas comunidades. Considerei essa etapa a mais difícil, pois mesmo sendo de um povo étnico, Xokleng/Laklãñõ, para os demais povos, eu ainda sou um estrangeiro adentrando suas terras, mais ainda,

por filmar e fotografar algo tão particular para nós, indígenas: nosso território, crenças e famílias. Entendo o receio dos parentes indígenas e lideranças sobre a questão da imagem, afinal, muitos interesseiros chegam de mansinho, pegam informações nas aldeias, desenvolvem seus projetos e nunca mais retornam. Ao contrário de outros, deixei bem claro o meu intuito e objetivo com o projeto: uma vez concluído, retornar às aldeias para realizar a exibição junto aos parentes indígenas.

Acredito que o curso de Licenciatura do Sul da Mata Atlântica, ofertado pela UFSC, foi uma grande ponte para estabelecer contato com vários povos. Essa etapa do projeto se deu ao longo do segundo semestre de 2016, um período longo e árduo, de respeito aos povos originários, pois, como diz o ditado popular, “o filho bem educado pede licença para entrar na casa dos outros”. Acredito que seria de extrema indelicadeza chegar às comunidades indígenas e, sem mais nem menos, começar as filmagens ou fazer o primeiro clique fotográfico dos indígenas. Foi neste período também, que conhecemos, conversamos com as pessoas e participamos de alguns eventos nas comunidades para que pudéssemos ganhar a confiança dos indígenas. 2016 encerrou com objetivos e metas cumpridas.

Para a quarta fase do projeto (2017), o objetivo era participar novamente do edital da SECULT/UFSC e realizar a captação das imagens nas comunidades. Mas, para nossa surpresa, o projeto não foi contemplado na segunda tentativa, entramos com recurso, porém, o mesmo não foi aceito. Foi um momento triste e desanimador e cheguei a pensar que todo o processo havia sido em vão.

Continuei então um trabalho ‘de formiguinha’, montando *press-kit* e projetos técnicos, enviando para empresas privadas e amigos que pudessem dar uma luz, com o intuito de tirar o projeto do papel, porém, sem sucesso. Foi neste momento que percebi que a causa indígena não seria ou não estava sendo, no momento, um dos assuntos/temas relevantes para o segmento empresarial, ou seja, o discurso era algo como “apoio a causa indígena, mas não quero me envolver”. E agora, o que fazer? A essas alturas, eu já não sabia mais se continuaria com o projeto e/ou se iria apresentá-lo como proposta de Trabalho de Conclusão de Curso. ‘Persegui’ editais, mas nenhum se encaixava especificamente ao tema ou ao orçamento.

Como pessoa persistente que sou, decidi que apresentaria o projeto como TCC, apesar de não saber como, nem de que forma. Finalmente, surgiu uma luz no fim do túnel. Ao final de junho de 2017, o Canal Futura em parceria com a TV Globo e ABTU (Associação Brasileira de Televisão Universitária) lançou o edital “Curtas



Universitários”, com o objetivo de fomentar e ajudar jovens realizadores em fase final de curso, a tirar suas ideias/projetos do papel. Os selecionados no edital ganhavam um aporte financeiro significativo e dois dias intensivos de *workshops* com profissionais da TV, além de uma visita aos estúdios da TV Globo, no Rio de Janeiro. A possibilidade era mais que perfeita, era a realização de um sonho. Sempre tive vontade de conhecer a maior indústria de entretenimento do país, sem contar a paixão incondicional por telenovelas. Então, não muito confiante, inscrevi minha proposta no edital, claro, com consentimento de minha orientadora Aglair Bernardo, que sempre estava ali, incentivando e dando força. Porém, realizei uma mudança na proposta, inicialmente série de TV passou a ser de gênero e formato documentais, pois era um pré-requisito para o edital do Canal Futura.

Feito isso, iniciei então, o tão aguardado semestre do TCC, já sabendo mais ou menos como seria o andamento do projeto, uma vez que havia mapeado as pessoas a serem entrevistadas e acordado com as lideranças indígenas. Restava a questão financeira. O edital ao que me inscrevi seria algo como ganhar na Mega-Sena. Novamente entrei em contato com as prefeituras em que tinha pessoas conhecidas, para tentar, pelo menos, um valor para logística e alimentação, até então, somente minhas. Agora não sei dizer, se por ironia do destino ou sorte, em uma quarta-feira à tarde, recebo uma ligação de número desconhecido, quase não atendo, molesto pelas ligações das operadoras para alterar plano ou renovar a franquia. No entanto, \atendi. E do outro lado da linha, se identificou o responsável pelo edital dizendo que meu projeto havia sido selecionado e que alguém da Rede Globo entraria em contato para cuidar da logística e tal. Fiquei sem chão, sem ar, tudo ao meu redor paralisou. Foi uma sensação de euforia misturada com: e agora?

A ida para o Rio de Janeiro foi uma das experiências mais legais que eu pude viver, pois realizei o sonho de conhecer o tão famoso Projac, ver de perto como a mágica da TV acontece além de conhecer pessoas de todas as partes do Brasil, também contempladas no edital. Ao todo 192 projetos foram inscritos e apenas 20 selecionados.

Com o projeto aprovado e dispondo de recursos para realizá-lo, chegou o momento de formar a equipe que trabalharia comigo no projeto. Acabei escolhendo pessoas próximas a mim, colegas do curso sem muita experiência, mas sabendo e acreditando que iriam dar conta do recado devido ao seu comprometimento, força de vontade e, sobretudo, por acreditarem no projeto. Além disso, também foi um critério

na escolha das pessoas, dar a elas uma oportunidade de experienciar uma vivência diferente de qualquer *set* de filmagem.

### **Nas Aldeias**

O processo de campo foi incrível, nesse período assimilei vários aprendizados em todos os sentidos e aspectos, desde como tratar e observar o outro por trás da câmera, até saber lidar com pequenas questões de como dizer um sim ou um não e também saber ouvir.

Na primeira aldeia, a do povo Guarani do Morro Dos Cavalos, no município de Palhoça, começamos com dois contratemplos, o primeiro foi: a liderança com a qual havíamos conversado que permitiu as gravações, nos avisou praticamente um dia antes que não seria possível irmos na data marcada devido a um enfrentamento/conflito pelo qual passava a aldeia. Neste momento, o desespero bateu. Entrei em contato com outra liderança da mesma terra indígena (TI) que me contou por mensagem de *whatsapp* o que estava acontecendo e pediu para que eu fosse conversar com ela. No dia seguinte, a equipe e eu nos dirigimos até a aldeia do Morro dos Cavalos para conversar com Elnice Antunes ou *Keretxu*, como é conhecida. Já estava dando essa diária por cancelada quando ela sugeriu de conversarmos e irmos até a aldeia *Tekoa Yaka Porã*, onde sua irmã Elizete Antunes é cacica e poderia nos ajudar. Chegamos à casa de Elizete praticamente de surpresa, porém com cautela, expliquei o que estava acontecendo, apresentei o projeto, conversamos e a mesma autorizou que fizéssemos as filmagens na aldeia. Fiquei um pouco mais aliviado e Elizete foi incrível, atenciosa e prestativa. Uma fala de Elizete que me chamou a atenção foi: *“acho muito interessante outros indígenas estarem pensando, pesquisando e falando sobre outros povos indígenas. Isso é legal por que o olhar muda completamente.”* O interessante nessa aldeia é que a mesma está sendo formada, pois como o assentamento é recente, pude entender, ver e apresentar no filme como se dá esse processo. O segundo contratempo foi o tempo/clima. Quando pensamos em iniciar as gravações a previsão era de chuva, o que comprometeria todo o processo, diária, uma vez que a proposta do filme era trabalhar com a luz do dia, sem contar os curtos meses que teríamos para realizar todo o processo. Mas com algumas rezas para *Nhanderú* (divindade Guarani) e *Aglené* (divindade Xokleng), foi possível que essa primeira etapa fosse cumprida em dois dias de filmagem.

Na segunda aldeia nem as fortes rezas ajudaram. Saímos de Florianópolis com um dia ameno, aberto, mas na metade do caminho, umas duas horas e meia antes de chegar no aldeia em José Boiteux, o tempo mudou, começou a trovejar e a chover. Chegamos com muita chuva à terra indígena Laklãnõ, do povo Xokleng/Laklãnõ. Fomos recepcionados pelos meus pais e outros familiares com um almoço e, pleonamos à partecomida de mãe é sempre a melhor. Almoçamos ao som da forte chuva que caía nas folhas das árvores, no gramado e no beiral da casa. À tarde, a chuva deu uma trégua, com o que fomos até a casa da professora Zilda Priprá, nossa entrevistada. Ela foi escolhida pela sua experiência desde o início do processo de educação diferenciada na aldeia nos anos 1990. O dia não era dos melhores para ela, que estava com o neto de dois anos doente no hospital. A entrevista, inicialmente agendada para as 14 horas, atrasou em meia hora para que ela pudesse chegar do hospital. A professora relatou o que o médico disse, que se a febre da criança não baixasse, ele não poderia fazer nada. Apenas respeitei o momento, sem desejar entrar em muitos detalhes. Pouco a pouco, Zilda nos revelou falas surpreendentes ao longo da entrevista. Ao término de nossa conversa, um pouco mais à vontade e tranquila, ela nos serviu um café. Havia pedido à minha avó para que fizesse uma cuca para o lanche da equipe, então, nosso café da tarde foi partilhado e descontraído.

Mesmo com a forte chuva resolvemos seguir o percurso pelo território Laklãnõ. Quem nos auxiliou e foi nosso guia durante a permanência na aldeia foi o professor Abrão Patté, extrovertido e muito solidário. Quando soube mais do projeto se encantou e queria ajudar de qualquer forma. Acompanhou-nos até a casa do cacique presidente da TI, Sr. Tukun Gagrán. Ao chegarmos lá, mais uma vez, para minha surpresa, todas as lideranças estavam reunidas de maneira informal. Nossa chegada foi surpresa para todos, mas uma vez ali, com a equipe, o professor/guia e as lideranças, tivemos uma longa e produtiva conversa embalados pelo som forte da chuva que caía, no compasso da partilha da cuia de chimarrão. Relatei o que estava fazendo e, de certo modo, pedi autorização às lideranças presentes para realizar o filme. Em resposta todos foram muito atenciosos e disseram que não precisava pedir autorização para realizar meu projeto dentro da minha própria TI. Eles enfatizaram o que eu deveria fazer: pedir como poderia ser feito, de que modo e com quem. Fiquei contente e surpreso em ouvir isso. O processo não foi tão produtivo quanto imaginava e gostaria que tivesse sido por ser a aldeia na qual nasci, cresci e vivi até os 17 anos, que atualmente, ainda, é meu refugio. Porém, nem tudo é como queremos e já que São

Pedro não colaborou, o jeito foi assumir o dia de chuva nessa diária. De certa forma compreendi o ocorrido, faz parte do processo de realizar documentário, onde a vida real ‘dá muitos olés na gente’ na hora de abrir câmera.

A experiência na terceira e última aldeia, do povo Kaingang, na TI Xapecó, foi de fato uma aventura, pois o contato que iria nos receber alterou a data duas vezes. Confesso que já estava desistindo e pensei propor outra forma de apresentar o povo Kaingang no documentário. Finalmente, nos quarenta e cinco do segundo tempo, recebi a confirmação de que seria possível a ida da equipe na TI Xapecó, no município de Ipuacu, meio leste do estado de Santa Catarina. As seis horas de viagem passamos nos divertindo, rindo, ouvindo música e observando as lindas paisagens que nos surpreendiam a cada momento. Ao chegar à Aldeia na qual ficaríamos hospedados, fomos recebidos pelo presidente do CEPIN (Conselho Estadual dos Povos Indígenas) Getúlio Narcizo, e por um dos conselheiros do cacique presidente da terra indígena. Ocorria uma reunião com lideranças do movimento indígena, para a qual fomos convidados a participar como ouvintes. Ao final, nos apresentamos e, assim, tivemos a aprovação dos presentes, bem como toda a comunidade sabia que um parente e dois colegas iriam realizar filmagens na aldeia. A experiência nessa comunidade foi muito interessante porque percorremos os 15 mil hectares da TI Xapecó, conhecendo todas as pequenas aldeias e os principais membros articuladores delas. Getúlio foi um excelente guia, com paciência, nos auxiliou em diversos momentos do processo. A proposta dessa última aldeia e etapa teve mudanças. Optei por apresentar muito mais a aldeia do que entrevistas ou um personagem central. Apesar de ter o professor e militante indígena César Santos como guia da narrativa, acredito que funcionou. Vale deixar registrado que tivemos um problema técnico, pois o carro que íamos, de uma hora a outra, não dava mais marcha ré, com o que, em vários momentos, tivemos que empurrar o carro para podermos fazer a volta. O importante é que já havíamos pensado em uma estratégia para contornar a dificuldade: deixar sempre o carro no sentido da partida.

Durante o processo na Terra Indígena Xapecó, recebi a informação de que havia, em território Kaingang, um sobrevivente da etnia Xetá, povo original do Paraná, que depois passaram a residir espalhados também em Santa Catarina. O povo foi praticamente extinto em um brutal massacre em meados do século XIX. Não poderia encerrar esse projeto ou voltar pra casa sem ao menos conhecê-lo de perto. E aconteceu. Getúlio fez com que nos encontrássemos. Na hora em que fiquei frente a

frente com Rondon Xetá, minha voz embargou, me emocionei e pouco consegui falar, deixei que ele falasse, porém, um pouco tímido, ele disse: não vou dar entrevista, mas podemos fazer uma foto. Feito! Dias depois, recebo a informação de que sua irmã que morava na divisa dos estados de Santa Catarina e Paraná havia falecido. Fiquei muito entristecido ao saber que agora restam somente sete sobreviventes desse extermínio brutal. Acredito que fica aqui a possibilidade de realizar futuramente outro documentário com o parente da etnia Xetá.

É hora de voltar e terminar o processo. Cada momento de despedida era um momento triste e alegre ao mesmo tempo, triste por que deixaríamos as pessoas que nos receberam tão bem em todas as aldeias, deixaríamos ali um pedacinho de nós eternizados nas lembranças, nas risadas e nos momentos de conversas. E alegre por que estávamos retornando para nossas casas com o sentimento de dever cumprido.

Posso dizer que foi gratificante propor e realizar esse projeto, pois em vários momentos ao longo do percurso, observava e sentia que estava no caminho certo, fazendo um importante trabalho para os povos originários catarinenses. Como indígena Xokleng/Laklãno, me vi muito presente nas falas, vivências e nas mais diferentes realidades dos vários povos ‘conhecidos’ e visitados. Acredito que nós, indígenas, precisamos de espaços de fala, e através do cinema da arte, somos capazes de expressar nossa realidade enquanto minoria. Precisamos ser ouvidos, precisamos falar, enfrentar e resistir.

## Os Povos Originários

Sabe-se que o Brasil é considerado um país multiétnico devido a sua pluralidade e composição étnica, sendo a população indígena, embora minoritária, um segmento importante a contribuir para a riqueza sociocultural e linguística no país. Também se sabe que os índios habitavam o Brasil antes mesmo das grandes embarcações atracarem em território brasileiro e os europeus ocuparem e tomarem conhecimento do rico mundo que aqui existia. Segundo dados do IBGE (2012), atualmente, o Brasil tem quase 900 mil índios de 305 etnias e 274 idiomas. A maior parte se encontra na região norte, com 342,8 mil indígenas, e a menor parte no sul, com 78,8 mil índios. Em Santa Catarina, existem aproximadamente 9.473 indígenas, e segundo dados da FUNASA (2010) (Fundação Nacional da Saúde Indígena) os Kaingang são a maioria, aproximando-se de uma população de 6.397 pessoas. Os Guarani são cerca de 1.189 pessoas e os Xokleng/Laklãnõ, aproximadamente, 1.849 habitantes em terras indígenas.

Não podemos esquecer de um povo que se confirmou como quase extinto recentemente, os Xetá. Segundo dados do PIB Socioambiental, em 1999, resistiam somente oito sobreviventes dessa etnia, três mulheres e cinco homens pois foi um povo remanescente dos contatos estabelecidos nos anos 1950 e 1960. Hoje estão dispersos pelos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo.

### As etnias indígenas em Santa Catarina

**Guarani:** As comunidades Guarani em sua maioria se encontram no litoral catarinense, de norte ao sul do litoral. Também há algumas comunidades no Vale do Itajaí e leste do estado.

**Kaingang:** A maioria das comunidades Kaingang se localiza no extremo leste do estado de Santa Catarina (Ipuçu), sendo uma delas no centro oeste do estado, em Chapecó.

**Xetá:** Diferentemente aos demais povos indígenas do Brasil, os Xetá não vivem em sociedades organizadas e/ou em aldeias e não dividem as mesmas condições culturais de seu povo. De herdeiros de um espaço/terra indígena, os poucos sobreviventes

vivem junto às comunidades indígenas Guarani e Kaingang ou no espaço urbano onde “vivem hoje na condição de assalariados, servidores públicos, empregados domésticos e bóias-frias”<sup>1</sup>. Em Santa Catarina, encontra-se somente um sobrevivente Xetá com aproximadamente 54 anos, vivendo no posto indígena de Xaçepó em território Kaingang, no município de Ipuacu Santa Catarina<sup>2</sup>.

**Xokleng/Laklãnõ:** A comunidade Xokleng, única comunidade reconhecida atualmente em tese pelo professor Doutor Namblá Gakrán, indígena Xokleng/Laklãnõ, doutor em Linguística pela Universidade Nacional de Brasília (2016), se localiza ao longo dos Rios Hercílio e Plate, no Alto Vale do Itajaí, num território denominado pelos não-indígenas como Reserva Duque de Caxias, mas nomeada pelos indígenas, como Terra Indígena Laklãnõ, que significa: povo que é o Clã do Sol. Está localizada entre os municípios de José Boiteux, Vitor Meirelis, Itaiópolis e Dr. Pedrinho.

Imagem das comunidades indígenas em Santa Catarina:



Fonte: Clovis Antônio Brighenti, 2012. Elaborado por Carina Santos de Almeida.

<sup>1</sup> Dado encontrado em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xeta/1180>

<sup>2</sup> Dado encontrado em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xeta/1180>

A história desses povos é rica e fascinante, e os mesmos precisam de seus territórios preservados, o que lhes garante segurança na transmissão e preservação de tradições, costumes e língua.

Nesses escritos finais posso dizer que ao término do Curso de Cinema, eu me encontrei enquanto artista, pessoa e profissional. Estou otimista, pois o projeto é promissor e promete um belo resultado de material teórico e de referências para escolas, universidades e para apresentar as várias lutas dos povos (parentes) indígenas.



**Referenciais Teóricos:**

BRIGHENTI, Clovis Antônio. **Povos Indígenas em Santa Catarina**. UFSC, 2012. Disponível em: <<https://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/08/povos-indc3adgenas-em-santa-catarina.pdf>>. Acesso em: Maio 2016.

PUCCINI, Sergio. **Roteiro de Documentário – Da pré-produção à pós-produção**. 3 ed. Campinas, SP. Editora Papyrus, 2012.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Ensaio Oportunos**. Florianópolis. Academia Catarinense de Letras e Nova Letra. 2007. 192p.

TASSINARI, Antonella. **Orientação do projeto e comunicação oral**. Florianópolis. 2016.

GAKRÁN, Namblá. **Comunicação Oral**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2017.

Informações sobre os Povos Indígenas Brasileiros - **PIB Sócio Ambiental** - disponíveis em: <<https://pib.socioambiental.org>>. Acesso em: Agosto de 2017.

**Referências filmicas:**

*Martírio*. Direção: Vincent Carelli, Ernesto de Carvalho, Tatiana Almeida. 2017.

*Cabra marcado para morrer*. Direção: Eduardo Coutinho. 2012.

*Videos nas Aldeias* (coletânea). Direção: Vincent Carelli. 2000.

## ANEXO

### ARGUMENTO:

A proposta do documentário consiste em apresentar através do cotidiano contemporâneo dos Povos Originários Catarinenses Xokleng/Laklãnõ, Guarani, Kaingang e Xetá, os vários aspectos que envolveram essas comunidades indígenas ao longo de suas histórias com a ocupação de suas terras pelos colonizadores dessas distintas regiões.

Através dos relatos/entrevistas e imagens das aldeias, busca-se valorizar as diferentes experiências vividas até os dias atuais, chamando atenção para as singularidades de suas memórias e o modo como cada povo se organiza em seu território; apresentar cotidianamente em suas relações, as mudanças significativas que ocorreram ao longo da história com a sociedade envolvente, procurando identificar vestígios e traços ainda presentes das origens desses povos e de processos de hibridização cultural.

O fato de o autor do projeto ser descendente do povo indígena Xokleng/Laklãnõ será, igualmente, valorizado e suas histórias serão consideradas durante a realização do projeto.

A ideia consiste em percorrer os territórios onde estão localizadas as terras indígenas, a saber: Extremo Oeste, Vale do Itajaí e Litoral do estado de Santa Catarina - e realizar um mapeamento dos entrevistados, para assim selecionar os personagens predominantes no documentário, os quais narrarão a partir de seus pontos de vista suas experiências e vivências pessoais.

Pretende-se dar início às gravações do documentário após uma visita às comunidades indígenas, na quais conversarei com lideranças da comunidade solicitando autorização para captação de imagens. O início das filmagens está programado para o mês de agosto, salientando que o período para produção/captação é de três meses, podendo-se estender a quatro meses, no máximo. Considera-se importante as filmagens em tempo estendido uma vez que:

(...) traz interesses específicos, ao permitir o desenvolvimento de acontecimentos no tempo. Além do mencionado desenvolvimento da narrativa do espaço no tempo, cria-se também a possibilidade de acompanhar diversas fases de histórias, de vida, de relações, ou

mesmo evoluções especificamente temporais - com as diferentes épocas do ano e variedades de paisagens. (HOFFMANN. 2014)

Considera-se que este projeto de documentário, apresentará três personagens centrais, porém outros personagens pontuais poderão surgir ao longo da produção.

## **LINGUAGEM E PROCEDIMENTOS NARRATIVOS**

### **Linguagem**

O documentário *Os Povos Originários Catarinenses* será dividido em três partes/blocos, totalizando treze minutos. Os blocos terão como proposta-narrativa três atos: começo, meio e fim, sempre deixando um gancho para o bloco posterior.

Consideram-se três aspectos para a linguagem narrativa desta obra seriada: entrevistas, observações e experimentações.

A fotografia sugerida pelo diretor será de cores quentes e dependendo da tensão da narrativa, se buscarão cores frias, e/ou preto e branco. Existe uma preocupação muito grande para que o documentário se aproxime do universo pictórico, com o belo, tendo uma construção própria em sua fotografia, apostando na contemplação do espaço e tempo, rosto e detalhes, podendo ser deixada a câmera na mão de membros das aldeias ou não.

Para a montagem/edição fica como sugestão do diretor, que o montador siga a montagem rítmica: as imagens formam através dos fragmentos uma combinação, criando assim, forma para o conteúdo fílmico. Também, fica como sugestão a montagem tonal, uma vez que a mesma estabelece uma relação com os fragmentos da montagem. Ambas as características de montagem obedecem aos procedimentos narrativos e estrutura narrativa que seguem abaixo.

Os planos escolhidos para compor a narrativa são de: planos médios, *close* e *superclose* (detalhe), com pouca utilização de planos gerais. Com isso, pretende-se criar junto ao telespectador uma relação intimista e de proximidade.

### **Procedimentos Narrativos**

Os procedimentos narrativos deste projeto poderão apresentar três estratégias de abordagens:

**Entrevista:** O diretor também entrevistador, não aparecerá nas imagens. Porém na edição/montagem propõe-se que fique clara a intervenção em que apresenta a relação dialógica dos dois lados. Considera-se o entrevistador também como um personagem. As entrevistas serão acompanhadas por uma equipe (fotografia, som e direção) que irão auxiliar na captação do áudio, fotografia e câmera. A equipe é reduzida, tendo no máximo três pessoas, para assim estabelecer uma relação intimista e informal com os entrevistados. Não se utilizarão aparatos técnicos de luz, já que a maioria das imagens serão feitas em período diurno externas. Assim, optou-se em utilizar somente a câmera com microfone direcional e/ou lapela. Importante ressaltar que os personagens irão surgir ao longo/durante as filmagens, isso é da natureza documental.

**Observação:** Considera-se para esse item os fragmentos de comportamentos e diversas conversas do cotidiano sem interferência do diretor. Momento em que o diretor não está como personagem na obra audiovisual. A observação pode ocorrer a partir dos imprevistos e das conversas que perdem o foco, assim, o modo de observação irá auxiliar na construção dessa realidade, porém com interferência mínima na espontaneidade dos entrevistados.

**Experimentação:** Coloca-se a experimentação nas intervenções ou interações inusitadas que acontecem no espaço e tempo da entrevista e/ou da observação. Nesse caso, a experimentação é algo que entra como característica mais específica e pontual, fugindo um pouco dos procedimentos da entrevista e observação tradicionais. Considera-se como experimentação, nesse caso, algo inusitado. A partir desses procedimentos narrativos, pretende-se sair das muitas formas de representações dos povos indígenas, podendo ser/estar construindo com essa obra audiovisual, uma nova visão desse espaço e tempo presente no contexto atual.

## **CENÁRIOS E LOCAÇÕES**

Para compor o documentário, será utilizado como cenário o cotidiano das terras indígenas e como locações, as casas dos indígenas, aldeias, estabelecendo, assim, uma concepção visual verossímil já que estamos falando das comunidades tradicionais. A função desses cenários e respectivas locações tem o objetivo de situar o telespectador no tempo e espaço ao decorrer da narrativa audiovisual.